

A era do egoísmo

FERNANDO OLINTO *

Como cidadão, perplexo, diante da televisão assisti uma mulher morrer na porta de um hospital sob uma placa enorme onde se lia: "Emergência". Tive vontade de pular da cadeira e ir correndo tentar socorrê-la. A cena não foi diferente de tantas outras cenas humilhantes e bárbaras que assistimos nos últimos tempos e me lembrou a brutalidade daquele policial que executou um assaltante frente às câmaras ou as milhares de crianças morrendo nas estradas de Ruanda.

Nada justifica mais uma morte na porta de um hospital, onde, por bem ou por mal, haviam enfermeiras de um branco imaculado, atrás das grades, trancadas pela segurança, assistindo a poucos metros, o último suspiro. Meu Deus! Será que ninguém naquele hospital, que sabia um pouco de medicina e de emergência, teve o desejo natural de prestar socorro a alguém que agonizava?

Mais do que um choque televisivo foi a indignação com aquelas pessoas de branco gritando que "não eram médicas, mas enfermeiras" e não ousaram prestar socorro.

Em Ruanda, como no Sri Lanka, assisti a milhares de cenas dramáticas e muitas me revoltaram, mas também assisti a centenas de enfermeiras e leigos trabalhando sem parar por 24 horas e salvando vidas. Trabalhei por mais de dois anos como Médico Sem Fronteiras, da selva amazônica atendendo aos Yanomamis que morriam de malária à tragédia da humanidade que foi Ruanda e não era o salário que nos impedia de salvar vidas.

O que matou aquela mulher na porta do hospital foi o egoísmo e não o salário baixo. O egoísmo dos médicos que não querem dar sua contribuição para a sociedade de um país que é pobre e com grandes desigualdades sociais, apesar do nosso ufanismo e das ilusões da economia em crescimento.

O que matou aquela mulher foi o desastre da ética humana entre os médicos, que hoje passa mais pelo campo mercantilista de relacionamento com os planos de saúde antes de passar pela vida humana.

O desastre que acontece a cada minuto quando os médicos colocam cartazes avisando que não tem ortopedista de plantão enquanto mais de três cirurgiões permanecem sentados no repouso médico lendo o jornal do dia. E não me digam que um cirurgião não sabe corrigir uma fratura do braço de uma criança ou operar uma fratura exposta de tíbia; pelo menos, se ele fizesse o primeiro procedimento certamente evitaria infecções e outras complicações futuras.

Pelo menos o gesto humanitário evitaria que um ser humano prosseguisse de hospital em hospital, em busca de socorro, com dor e com medo.

Não me digam que os cirurgiões não sabem atender um trabalho de parto ou medicar a febre de uma criança. Não é um desastre é um crime! Crime é trancar a porta de uma emergência sob qualquer pretexto.

Tenho certeza de que o sistema injusto sacrifica o médico e a enfermeira com o salário vergonhoso, mas nem por isso precisamos esperar o doente morrer e mandar dois maqueiros leva-la diretamente da porta do hospital ao necrotério.

Tenho certeza de que as condições de trabalho são péssimas, mas não são piores das que tivemos nos hospitais da selva em Roraima ou das unidades na Bósnia, onde salvamos tantas vidas.

Eu tenho vergonha e tristeza desta medicina e destes médicos.

* Médico do Estado, membro das organizações Médicos Sem Fronteiras e Anjos do Asfalto